



ANAIS



III CEPIAL

CONGRESSO DE CULTURA
E EDUCAÇÃO PARA A INTEGRAÇÃO
DA AMÉRICA LATINA

Semeando Novos Rumos

www.cepial.org.br
15 a 20 de julho de 2012
Curitiba - Brasil



ANAIS



III CEPIAL

CONGRESSO DE CULTURA
E EDUCAÇÃO PARA A INTEGRAÇÃO
DA AMÉRICA LATINA

Semeando Novos Rumos

Eixos Temáticos:

1. INTEGRAÇÃO DAS SOCIEDADES NA AMÉRICA LATINA
2. EDUCAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO LATINO-AMERICANO:
SUAS MÚLTIPLAS FACES
3. PARTICIPAÇÃO: DIREITOS HUMANOS, POLÍTICA E CIDADANIA
4. CULTURA E IDENTIDADE NA AMÉRICA LATINA
5. MEIO-AMBIENTE: QUALIDADE, CONDIÇÕES E SITUAÇÕES DE VIDA
6. CIÊNCIA E TECNOLOGIA: PRODUÇÃO, DIFUSÃO E APROPRIAÇÃO
7. POLÍTICAS PÚBLICAS PARA O DESENVOLVIMENTO SOCIAL
8. MIGRAÇÕES NO CONTEXTO ATUAL: DA AUSÊNCIA DE POLÍTICAS
ÀS REAIS NECESSIDADES DOS MIGRANTES
9. MÍDIA, NOVAS TECNOLOGIAS E COMUNICAÇÃO

www.cepial.org.br
15 a 20 de julho 2012
Curitiba - Brasil

ANAIS



III CEPIAL

CONGRESSO DE CULTURA
E EDUCAÇÃO PARA INTEGRAÇÃO
DA AMÉRICA LATINA

Semeando Novos Rumos

Eixo 4

“CULTURA E IDENTIDADE NA AMÉRICA LATINA”

www.cepial.org.br
15 a 20 de julho de 2012
Curitiba - Brasil

4. CULTURA E IDENTIDADE NA AMÉRICA LATINA

MR4.1. Sociedade e Cultura de Fronteira

EMENTA

Esta mesa propõe-se a discutir fronteiras no Prata, contemplando diferentes temporalidades e espacialidades com enfoques voltados aos guaranis, às missões jesuíticas, aos migrantes dos séculos XIX e XX e às ideologias nacionalistas e de integração. Poderão ser trazidos ao debate estudos e reflexões que apontam para relações sociais transfronteiras, para vivências à margem das intencionalidades oficiais e de discursos hegemônicos. A composição da mesa proposta atentou para a inserção interinstitucional, para a interdisciplinaridade e vínculos com programas de pós-graduação que trabalham com fronteiras.

Coordenador: Valdir Gregory – Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE - BRASIL)
Carmen Curbelo: Universidad de la Republica Uruguay - (UDELAR - URUGUAY)
Ernelo Schallenger – Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE – BRASIL)
Jones Dari Goeter: Universidade Federal da Grande Dourados - (UFGD - BRASIL)
Ricardo Carlos Abinzano: Universidad Autónoma de Misiones – (ARGENTINA)

RESUMOS APROVADOS

PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL LATINO-AMERICANO: O TRADICIONALISMO E A IDENTIDADE GAÚCHA (autor(es/as): Ana Carolina Rios Gomes)

O RAP ENTRE FRONTEIRAS: PRÁTICAS ESTÉTICO-MUSICAIS LATINO AMERICANAS (autor(es/as): Angela Maria de Souza)
REMANESCENTES DAS REDUÇÕES JESUÍTICAS DE NOSSA SENHORA LORETO E SANTO INÁCIO MINI NA PROVÍNCIA DO GUAIRÁ-1608-1639 (autor(es/as): BERENICE SCHELBAUER DO PRADO)

O CIRCUITO ROCKEIRO NA TRÍPLICE FRONTEIRA (autor(es/as): Franciele Cristina Neves)

A SOCIEDADE DE CONSUMO: ANÁLISES NA FRONTEIRA ENTRE BRASIL E PARAGUAI (autor(es/as): Luana Caroline Künast Polon)

Cortando a cerca: uma escola do campo frente a multiculturalidade contemporânea (autor(es/as): Lydia Maria Assis Brasil Valentini)

Movimento Hip-Hop como manifestação cultural: Uma análise do léxico de letras de rap em Foz do Iguaçu. (autor(es/as): RONALDO SILVA)

INTEGRALIZAÇÃO LATINOAMERICANA: AFIRMAÇÃO CULTURAL OU JOGADA IMPERIALISTA? (autor(es/as): Victor Alves Pereira)

Sankofá- Abaeté: Construindo diretrizes, resgatando nossas raízes (autor(es/as): Vilisa Rudenco Gomes)

SAÚDE SEM FRONTEIRAS - REDE BINACIONAL DE SAÚDE NA FRONTEIRA BRASIL-URUGUAI (autor(es/as): Daniela da Rosa Curcio et alii.)

MR4.2. Apropriação, Usos do Território e Práticas Sociais Diferenciadas

EMENTA

Os trabalhos da presente mesa circunscrevem-se às pesquisas que vêm sendo desenvolvidas pelos participantes, que têm como referência diferentes sujeitos (quebradeiras de coco babaçu, quilombolas, ribeirinhos e trabalhadores rurais dentre outros) e práticas sociais, em distintos contextos. Os trabalhos explicitam diversos aspectos da problemática relativa à organização, apropriação e uso do território. O fio condutor das reflexões está referido às diferentes formas e estratégias utilizadas por esses sujeitos face às definições e redefinições recentes do território.

Coordenador: Joaquim Shiraishi Neto: Universidade estadual do Amazonas - (UEA - BRASIL)
Luís Fernando Cardoso e Cardoso: Universidade Federal do Pará - (UFPA - BRASIL)
Rosirene Martins Lima: Universidade estadual do Maranhão - (UEMA - BRASIL)
Ana Paulina Aguiar Soares: Universidade estadual do Amazonas – (UEA - BRASIL)

MEMÓRIAS DA GUERRA DO CONTESTADO- A CULTURA POPULAR ATRAVÉS DA RELIGIOSIDADE NO MONGE JOÃO MARIA DE JESUS EM MARILÂNDIADO SUL. (autor(es/as): Bruno Augusto Florentino)

DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL E SUA INTERFACE NOS ASSENTAMENTOS RURAIS DO MUNICÍPIO DE ROSANA-SP (autor(es/as): CLEDIANE NASCIMENTO SANTOS)

REFLEXÕES ENTRE A MANUTENÇÃO DAS IDENTIFICAÇÕES RURAIS E A INFLUÊNCIA DAS MODERNIDADES NA VILA DO DISTRITO DE GUARAGI - PONTA GROSSA (PR) (autor(es/as): FABELIS MANFRON PRETTO)

ÍNDIOS, TAPUIOS E “CABOCOS”. CULTURAS E IDENTIDADES MARGINAIS NA MANAUS DE ONTEM E HOJE. (autor(es/as): PAULO MARREIRO DOS SANTOS JÚNIOR)

TOPOFILIA & TOPOFOBIA – TOPOCIDIO & TOPO-REABILITAÇÃO: A MERCANTILIZAÇÃO DA CULTURA EXPRESSA NO PATRIMÔNIO HISTÓRICO ARQUITETÔNICO E URBANÍSTICO DE DIAMANTINA-MG (autor(es/as): RAHYAN DE CARVALHO ALVES)

ARELAÇÃO SER HUMANO/NATUREZA – REFLEXÕES A PARTIR DE UM ESTUDO DE CASO. (autor(es/as): ROSANA BARROSO MIRANDA).

MR4.3. Territórios, Memórias e Identidades latino-americanas

As ciências humanas e em especial as sociais desenvolveram no século XX teorias e metodologias para compreender e explicar como se elaboraram concepções de territórios, memórias e identidades, sobretudo na produção intelectual latino-americana. Atualmente, os estudos de caráter socioambiental contribuem sobremaneira com esses avanços, especialmente se forem considerados os aportes da antropologia, da geografia cultural, da história, da psicologia social e da sociologia. Além de localizar esses avanços, é fundamental trazer para o debate os resultados das pesquisas realizadas com esses múltiplos enfoques entre as dimensões da natureza e da sociedade

Coordenação: Salete Kozel – Universidade Federal do Paraná - (UFPR – BRASIL)
Maria Geralda de Almeida: Instituto de Estudos Socioambientais da Universidade de Goiás - (IESA/UFG – BRASIL)
Álvaro Luiz Heidrich: Universidade Federal do Rio Grande do Sul – (UFRGS – BRASIL)
Sandra Valeska Fernandez Castillo: Universidad de Concepción - (CHILE)
Alicia M. Lindon Villoria: Universidad Autónoma Metropolitana - (UAM – MÉXICO)

www.cepial.org.br

15 a 20 de julho de 2012

Curitiba - Brasil

4. CULTURA E IDENTIDADE NA AMÉRICA LATINA

“OUTROS” IMAGINADOS: AS REPRESENTAÇÕES DOS CIDADÃOS LATINO-AMERICANOS SOBRE AS CIDADES PRÓXIMAS E DISTANTES (autor(es/as): **Carla Beatriz Santos Menegaz**)

100 Anos de História: Alguns Elementos Formadores da Identidade Cultural do Território do Contestado (autor(es/as): **FLAVIA ALBERTINA PACHECO LEDUR**)

Guimarães Rosa no labirinto chamado América Latina (autor(es/as): **iolanda cristina dos santos**)

Los lugares de Memoria como lugares de Aprendizaje, tres estudios de caso: Santiago de Chile y Medellín-Colombia” (autor(es/as): **Karen Andrea Vásquez Puerta**)

A FESTA KALUNGA DE NOSSA SENHORA DE APARECIDA: IDENTIDADE TERRITORIAL E REAPROXIMAÇÃO ÉTNICA (autor(es/as): **Luana Nunes Martins de Lima**)

REPRESENTAÇÕES ESPACIAIS E SIMBÓLICAS: AS IDENTIDADES DAS FESTAS DO BOI-A-SERRA NO CENTRO-OESTE BRASILEIRO (autor(es/as): **Maisa França Teixeira**)

A construção do Patrimônio Cultural a partir do imaginário da população de Marechal Cândido Rondon - PR: um estudo sobre o lugar de memória Casa Gasa (autor(es/as): **Paulo Henrique Heitor Polon**)

A INFLUÊNCIA DO TURISMO NA VALORIZAÇÃO DA IDENTIDADE CULTURAL: O CASO DE SÃO LUÍS DO MARANHÃO (autor(es/as): **Saulo Ribeiro dos Santos**)

IDENTIDADE E FÉ NOS ASSENTAMENTOS RURAIS DE SERGIPE (autor(es/as): **Solimar Guindo Messi as Bonjardim**)

MR4.4. Espaço, gênero e sexualidades na América Latina

EMENTA

A mesa redonda tem como objetivo realizar uma reflexão sobre as relações de gênero que envolvem o processo de organização social, econômica e cultural dos territórios da América Latina, evidenciando as hierarquias e desigualdades baseadas nos papéis sociais insituídos para homens e mulheres.

Coordenadora: Joseli Maria Silva - Universidade Estadual de Ponta Grossa – (UEPG - BRASIL)

Marlene Tamanini: Universidade Federal do Paraná – (UFPR - BRASIL)

Diana Lan: Universidad Nacional del Centro – (UNC - ARGENTINA)

Maria das Graças Silva Nascimento Silva: Universidade Federal de Rondônia – (UFR – BRASIL)

RESUMOS APROVADOS

A MARCHA MUNDIAL DAS MULHERES E A CULTURA DOS MOVIMENTOS SOCIAIS CONTEMPORÂNEOS (autor(es/as): **ALEXANDRA PINGRET**)

PELOTÓN MARIANA GRAJALES: O OLHAR DA REVISTA MUJERES NO ANO DE 1971 (autor(es/as): **Andréa Mazurok Schactae**)

NA ARGENTINA TANGOS, NO BRASIL TRAGÉDIAS! LÁ MATRIMONIO IGUALITÁRIO, AQUI UNIÃO CIVIL (autor(es/as): **CHRISTOPHER SMITH BIGNARDI NEVES**)

ECONOMIA SOLIDÁRIA, RELAÇÕES DE GÊNERO E COLETADORES DE MATERIAL RECICLÁVEL: LIMITES E AVANÇOS (autor(es/as): **Edinara Terezinha de Andrade**)

As mulheres do tráfico e a violência de gênero (autor(es/as): **Fernanda Pereira Luz**)

ARTICULAÇÕES EM REDE NA AMÉRICA LATINA: O CASO DE CDDLA E “CATÓLICAS PELO DIREITO DE DECIDIR” NO BRASIL (autor(es/as): **Francine Magalhães Brites**)

OS SUJEITOS NA MARGEM DA CULTURA - CONFLITOS NOS ESPAÇOS EDUCACIONAIS LATINO AMERICANOS (autor(es/as): **Gustavo Luiz Ferreira Santos**)

Habilidades Sociais e Sexualidade: A construção Identitária na Adolescência (autor(es/as): **Priscilla de Castro Campos Leitner**)

AS UNIÕES HOMOAFETIVAS CONFORME O BLOCO DE CONSTITUCIONALIDADE E UMA PROTEÇÃO NORMATIVA GLOBAL: GARANTINDO DIREITOS HUMANOS (autor(es/as): **Rafael da Silva Santiago**)

POLÍTICAS PÚBLICAS DE INCLUSÃO E PERMANÊNCIA DE LGBT NAS ESCOLAS PÚBLICAS DO ESTADO DO PARANÁ: UMA REFLEXÃO SOBRE SUAS APLICABILIDADES NO CONTEXTO DA EJA E PROEJA (autor(es/as): **Reinaldo Kovalski de Araujo**)

O MEDO NA CONSTRUÇÃO DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE ADOLESCENTES DO SEXO MASCULINO DA PERIFERIA DE DIFERENTES ÁREAS URBANAS DE PONTA GROSSA, PR (autor(es/as): **RENATO PEREIRA**)

MR4.5. Sociedades Tradicionais: imagens, tempo, espaço e saberes sobre a natureza

EMENTA

Em sua interação com a natureza, com distintas conformações, as chamadas “sociedades tradicionais” ou as sociedades originárias, constroem, historicamente, em seu universo mental, imaginário e práticas ecoprodutivas, uma cultura própria que envolve o conhecimento e respeito aos ciclos e movimentos naturais, atribuindo significado à sua vida material e imaterial – aos espaços ou territórios de que fazem parte. Isso envolve ritmos de tempo diferenciados dos ritmos caracteristicamente produtivistas que regem as sociedades urbano-industriais, os quais se pautam, fundamentalmente, numa temporalidade cronometrada e aritmetizada – no tempo da fábrica. Contrapor essas diferentes culturas, em sua lógica própria, focalizando, particularmente, as imagens, ritmos temporais, territorialidades e saberes patrimoniais das “sociedades tradicionais” e/ou originárias, significa pensarmos numa política de futuro na qual se inscreva o grande legado que tais sociedades detêm no trato com a natureza, com base em sua cosmovisão, práticas e expressões culturais próprias, para a construção de novas formas societárias, numa síntese histórica, de futuros inéditos.

Coordenadora: Lúcia Helena de Oliveira Cunha: Universidade Federal do Paraná (UFPR – BRASIL)

Carlos Galano: Universidad Nacional de Rosario - (UNR- ARGENTINA)

Carlos Walter Porto Gonçalves: Universidade Estadual do Rio de Janeiro - (UERJ- BRASIL)

Liliana Porto: Universidade Federal do Paraná - (UFPR-BRASIL)

Arturo Argueta: Universidad Nacional Autónoma de México - (UNAM-MÉXICO)

www.cepial.org.br

15 a 20 de julho de 2012

Curitiba - Brasil

RESUMOS APROVADOS

MULTICULTURALISMO, TURISMO E COMUNIDADES TRADICIONAIS: CAMPOS DE COEXISTÊNCIA E VIVENCIALIDADE? (autor(es/as): **Isabel Jurema Grimm**)

Seringueiros do Acre - Imaginário e Paisagem Cultural (autor(es/as): Janaína Mourão Freire).

AS PAISAGENS CULTURAIS DO/NO ESPAÇO FESTIVO DA COMUNIDADE ENGENHO II EM CAVALCANTE – GOIÁS: UM OLHAR À LUZ DA GEOGRAFIA CULTURAL (autor(es/as): **JORGEANNY DE FATIMA RODRIGUES MOREIRA**)
RECONHECIMENTO DAS ICCAS (ÁREAS CONSERVADAS POR COMUNIDADES INDÍGENAS E LOCAIS) NAS POLÍTICAS DE CONSERVAÇÃO AMBIENTAL: DISCUSSÕES ATUAIS. (autor(es/as): **Luciene Cristina Risso**)

MR4.6. História e Literatura na América Latina

EMENTA

Na produção historiográfica recente, a literatura vem surgindo como uma fonte que oferece importantes recursos de análise da sociedade. Incorporada solidamente no conjunto de inovações de fontes, métodos e problemáticas que há algumas décadas transformaram a experiência da pesquisa histórica, a literatura está presente hoje numa pluralidade de estudos que pretendem compreender o intrincado universo das experiências mais subjetivas de homens e mulheres. Na América Latina a literatura tem ocupado importante papel no movimento da sociedade. Seja ela abordada desde o ponto de vista da materialidade do livro, da localização social do escritor, de suas “redes de interlocução”, bem como numa análise dos significados do texto, das representações da realidade que ele traz. Pensar a América Latina desde o ponto de vista dessa relação é a reflexão central que norteia o debate aqui proposto

Coordenadora: Ana Amélia de Moura C. de Melo: Universidade Federal do Ceará (UFC - BRASIL)

Tracy Devine Guzman: Duke University of Miami – (ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA)

Soledad Falabella Luco: Universidad Diego Portales – (UDP - CHILE)

Adelaide Maria Gonçalves Pereira: Universidade Federal do Ceará – (UFC - BRASIL)

Ivone Cordeiro Barbosa: Universidade Federal do Ceará – (UFC - BRASIL)

RESUMOS APROVADOS

Cartas de Nova York - José Martí Correspondente (autor(es/as): **Amanda Leite de Sampaio**)

O TURISTA APRENDIZ, DE MÁRIO DE ANDRADE VERSUS EL ZORRO DE ARRIBA Y EL ZORRO DE ABAJO, DE JOSÉ MARIA ARGUEDAS – UMA APROXIMAÇÃO LITERÁRIA E SOCIOLÓGICA NO PANORAMA LATINO AMERICANO (autor(es/as): **CRISTIANO MELLO DE OLIVEIRA**)

O espaço da ficção na identidade em invenção e memória, de Lygia Fagundes Telles (autor(es/as): **Fernando de Moraes Gebra**)

Jorge Luis Borges e o Populismo Argentino (1946-1955) (autor(es/as): **Fernando de Moraes Gebra**)

Bahia 1860: o Brasil de Maximiliano (autor(es/as): **Flávia Silvestre Oliveira**)

OS INTELLECTUAIS E A NOVA ATENAS: Um estudo das representações nas obras dos literatos maranhenses no início da Primeira República (autor(es/as): **PATRICIA RAQUEL LOBATO DURANS**)

MR4.7. - Interculturalidade, Identidades e Arte Latinoamericana.

EMENTA

A mesa propõe-se a discutir as questões anunciadas, do ponto de vista da crítica de arte e dos artistas, aqui representados por Hector Guido (teatro) e Pavel Egúez (artes plásticas). A partir do enfoque das políticas de subjetivação e suas interfaces (Suely Rolnik) e da interculturalidade que se acentua na resistência da arte em tempos globais, observada, sobretudo, nas zonas transitórias (Ticio Escobar), quer desencadear o debate sobre os recursos críticos e expressivos que se manifestam na arte atual da nossa América, frente ao “esteticismo brando” regido pelos mercados globais, que desvia o capital simbólico e gera territórios homogeneizados

Coordenadora: Mariza Bertoli – Universidade de São Paulo – (USP – BRASIL)

Maria José Justino: Escola de Música e Belas Artes do Paraná - (EMBAP-PR - BRASIL)

Ticio Escobar: Ministro da Cultura do Paraguai - (PARAGUAY)

Hector Guido: Diretor de Cultura de Montevideú - (URUGUAI)

Gustavo Pavel Egúez: Artista Plástico - (EQUADOR)

RESUMOS APROVADOS

Entre balas e belas - Comunicação e Moda nas favelas cariocas (autor(es/as): **Alexandra Santo Anastacio**)

PAISAGENS CULTURAIS E FRONTEIRAS (autor(es/as): **Beatriz Helena Furlanetto**)

INDÍGENAS: ENTRE REPRESENTAÇÕES E DISCURSOS (autor(es/as): **Eder Augusto Gurski**)

DE LA CULTURA ORAL A LA DIGITAL: SABERES, MEMORIAS Y NARRATIVAS EN LA TRANSCULTURA. PERSPECTIVAS DESDE LA UNIVERSIDAD INDÍGENA DE VENEZUELA (autor(es/as): **Fabiana Anciutti Orreda**)

O ATOR E O GRUPO: DISCURSOS SOBRE O TEATRO FEITO NA UNIVERSIDADE (autor(es/as): **JEAN CARLOS GONÇALVES**)

FESTAS POPULARES E SUAS REPRESENTAÇÕES IMAGÉTICAS: LUGAR DE PROMOÇÃO DO PERTENCIMENTO E VALORIZAÇÃO DAS CULTURAS SUBALTERNAS. (autor(es/as): **Katia Maria Roberto de Oliveira Kodama**)

ASPECTOS DA ECONOMIA CRIATIVA NO MERCOSUL A Indústria Fonográfica como fator de aproximação entre Brasil e Argentina (2003 – 2011) (autor(es/as): **marcello de souza Freitas**)

SUSTENTABILIDADE CULTURAL: MANUTENÇÃO, CONSERVAÇÃO E DIFUSÃO DE PEQUENOS ACERVOS - RELATO DE EXPERIÊNCIA

(autor(es/as): **Rafael Schultz Myczkowski**)

FALA JUVENTUDE! UM ESTUDO SOBRE AS RELAÇÕES ENTRE JUVENTUDE, CULTURA E LAZER (autor(es/as): Sandra Rangel de Souza)

O Autorretrato Ampliado (autor(es/as): **Terezinha Pacheco dos Santos Lima**)

www.cepial.org.br

15 a 20 de julho de 2012

Curitiba - Brasil



CARTAS DE NOVA YORK – JOSÉ MARTÍ CORRESPONDENTE

Resumo:

Artigo em torno do intelectual cubano José Martí a partir de suas cartas de Nova York – correspondência para periódicos hispano-americanos – durante o período entre 1881 e 1891. Como principal recurso para o desenvolvimento do trabalho utilizo a análise de correspondências publicadas nos periódicos em que Martí manteve vínculos como correspondente, além de um referencial teórico embasado em autores como Pedro Pablo Rodríguez, Marlene Vázquez Pérez, Roberto Fernandez Retamar, Cintio Vitier, Enrique López Mesa, entre outros. A partir da trajetória jornalística de José Martí nos anos em que vive em Nova York foi possível acompanhar o desenvolvimento de sua trajetória intelectual acerca de noções centrais – como o conceito de Nuestra América – para a obra de José Martí. O presente artigo foi elaborado por Amanda Leite de Sampaio, mestranda do Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Federal do Ceará (UFC). amandadesampaio@gmail.com

Áreas de interesse: História Social, América Latina, José Martí, Epistolários, Diários, Dedicatória, Escrita do Afeto, Biografias, Autobiografia, História Intelectual, Periodismo.



“Trincheiras de ideias valem mais do que trincheiras de pedra”

Através da pluma dos intelectuais do século XIX tornou-se possível conhecer uma variedade de temas debatidos no período e explorados nas publicações que circulavam a época. É possível dizer que as ideias, a partir da intensa circulação e debate, encontram terreno fértil na atmosfera intelectual do século XIX. Apontado como o século onde o vocabulário corrente é o da ciência, da história e do progresso, é também no XIX onde, principalmente através do periodismo, as ideias ganham força e potência para circular. Os periódicos se filiam a correntes de pensamento e promovem grandes debates através da pluma de seus periodistas que, em larga maioria, são intelectuais ávidos pelo mundo do livro e da leitura.

É possível dizer que as ideias, a partir da força dos debates, alcançam um sentido transformador e encontraram terreno fértil na atmosfera intelectual do século XIX. A essa época são vividas grandes transformações como as proporcionadas pela utilização da máquina a vapor e da estrada de ferro que encurtam distâncias outrora longamente percorridas. Um ambiente impulsionado com o avanço da técnica e a circulação do livro, da leitura e ampliação do mercado editorial. Além dos livros outro suporte de leitura que teve aumento em sua difusão foram os periódicos e revistas.

La incorporación de los nuevos avances de la técnica a la producción editorial, salpicada primero entre algunos pioneros del mundo de la imprenta y extendida después, posibilitaron una oferta mayor y más diversificada, con el abaratamiento de los costes y la recuperación de las formas del libro (encuadernación, ilustración, tipografía), a lo que se añadieron nuevas técnicas de comercialización. Así, los métodos de producción artesanales empezaron a ser sustituidos por la mecanización en el contexto de la limitada industrialización, todavía a medio camino entre el carácter artesanal y las innovaciones técnicas propias de la fábrica. Una transformación editorial que no sólo consistió en la difusión de libros, sino también de la prensa, con el aumento de periódicos y revistas dotados de mayor rapidez y espontaneidad, a los que se aplicaron igualmente, y en muchas ocasiones de forma previa, las innovaciones (Martín, 2001: 30).

Entre o final do século dezoito e início do dezenove no mundo ocidental, e mais especificamente na Inglaterra, Raymond Williams apresenta tendências distintas e, muitas vezes, contraditórias nos formatos e custos das publicações. Havia uma tendência para edições reduzidas a altos preços, assim como para a publicação regular de reimpressões, principalmente com gêneros como poesia e drama, vendidos a pouco custo.



É desse período também o crescimento dos leitores de ficção impulsionados pelas publicações em folhetins e seriados. O ambiente político desse período é também momento de recorrentes lutas políticas tendo fomentado um público leitor radical que experimentava leituras como os escritos de Thomas Paine (1737 - 1809) e William Cobbett (1763 – 1835), autores que, para além do território inglês, seguramente tiveram suas obras circulando clandestinamente, em navio e outros meios.

Dentro do extraordinário desenvolvimento no final do século dezoito e na primeira parte do século dezenove, quando as características gerais da nova cultura industrial urbana foram sendo definidas, existem tendências distintas e em alguns aspectos contraditórias. Nos formatos tradicionais de publicação havia, de um lado, uma tendência marcante para edições reduzidas a preços elevados, mas no outro lado, havia a publicação regular de reimpressões baratas, com poesia e drama sendo vendidos em grande escala a seis “pence” a cópia. A partir de 1780, publicações de ficção aumentaram rapidamente, apesar da permanência de edições reduzidas e do alto preço. Ocorreu então uma autêntica invasão de publicações ortodoxas, por parte de piratas, aviltadores de preço, e oficinas de reimpressão, os quais expandiram decisivamente o público comprador de livros. Enquanto isso, as mais antigas bibliotecas circulantes associavam-se a novas formas de bibliotecas e de compra coletiva. Havia ainda a crucial extensão de publicações em folhetins e em seriados, que em meados do século viria expandir significativamente o público leitor de ficção. No início do século, as lideranças de vendas de ficção somente ocasionalmente atingiam 10.000 cópias; mas no meio do século este número chegava a 100.000.

Em um período de intensas lutas políticas, uma exceção deve ser aberta para determinados livros políticos notáveis. “Os Direitos do Homem”, de Paine, a um custo de três “shillings”, vendeu 50.000 cópias no curto espaço de poucas semanas, em 1791. O “Discurso aos Artesãos e Trabalhadores”, de Cobbett vendeu 200.000 exemplares em 1826. A existência de um público leitor radical, que se formava às margens e até mais além, de um público de classe média em expansão, é evidente e decisiva para o diagnóstico do desenvolvimento do jornal (Williams, 2007: 17).

A formação dos intelectuais do século XIX pode ser delineada como uma formação cosmopolita, tendo em vista o permanente trânsito de ideias adquiridas via leituras, tertúlias literárias, circulação de periódicos, intensa escrita epistolar onde se realiza uma vigorosa troca intelectual, além de debates realizados em seus países de origem ou em outras localidades visitadas quando era o caso da realização de viagens seja por motivações políticas ou de outra ordem, por alguns intelectuais do século XIX.

É possível identificar nos intelectuais do XIX um entrelaçamento de caminhos, uma vez que geralmente se conhecem e mantêm vínculos e trocas intelectuais seja nas vivências pessoais ou no meio de comunicação interpessoal mais corrente à época: as cartas. Para o século XIX de nuestra América – para utilizarmos um termo cunhado pelo



intelectual revolucionário cubano José Martí –, é válida também essa afirmação dos caminhos entrecruzados, principalmente entre os intelectuais considerados comprometidos.

É um ambiente intelectual formado por correntes de ideias e de cânones que davam corpo a uma matriz intelectual a qual os homens públicos filiavam-se de acordo com os meios intelectuais em que compartilhavam debates. Para tornar-se conhecido no século XIX não era preciso necessariamente viajar e estar presente em diversos países. A presença física tomava outro corpo que não o humano. A presença em letra impressa e papel – no caso dos periódicos – e das letras de tinta gravadas nas epístolas eram largamente responsáveis pelas trocas de referências intelectuais, pela vivacidade dos debates e por manter pensadores e pensamentos em diálogo.

É sobre esse ativo diálogo que Alejo Carpentier exerce reflexão quando apresenta personalidades como o peruano Pablo de Olavide (1725-1803), considerado precursor dos ideais independentistas no Peru e amigo do francês Voltaire (1694-1778) defensor dos ideais iluministas; Domingo Faustino Sarmiento (1811-1888) escritor e político argentino de expressão acerca dos debates sobre educação, progresso e civilização; o mexicano Benito Juárez (1806-1872) que ocupou a presidência do México, defendeu uma constituição de caráter liberal e foi declarado como benemérito da pátria e das Américas; e o cubano José Martí (1853-1895) defensor da independência de Cuba e da unidade continental de nuestra América. São intelectuais comprometidos principalmente com a luta anticolonial e que se assemelham pelo espírito ávido em compartilhar debates.

Todos estes homens se conheciam e, embora às vezes discutissem publicamente, estimavam-se. E estimavam-se porque eram todos homens comprometidos. Contra a Espanha ou já livres da Espanha, lutavam, para lá das contingências imediatas, pelas mesmas ideias. Um grande ideal comum incluía na mesma órbita o precursor Pablo de Olavide, peruano, amigo de Voltaire, com Sarmiento, com Juárez, com Martí. Quando eram contemporâneos, cada qual sabia com quem os outros andavam, e, portanto – para tornar válido o refrão –, sabiam quem eram os outros. Todos eram homens políticos. E bastaria que um deles tivesse tido uma fraqueza no plano político, tivesse tido uma dúvida, uma vacilação, quanto ao discernimento maniqueísta do *bem* e do *mal* – da barbárie ou da civilização, do progresso ou da reação –, para que os seus semelhantes em espírito lhe voltassem as costas, depois de o haverem condenado. Ninguém, no século XIX americano, teria podido dizer o que se chegou a repetir no nosso âmbito, tanto e tão falsamente, que a frase atingiu categoria lugar-comum: “Não nos conhecemos”. Todo o mundo, naquele tempo, se conhecia (Carpentier: 48-49).



Os intelectuais encontram-se em formação dando corpo a uma geração que desenvolve seu pensamento a partir da luta anti-colonial. É durante o século XIX que se travam as contendas contra a dominação colonial. Na segunda metade do XIX – a exceção das ilhas de Cuba e Porto Rico – a maior parte dos territórios latino-americanos conquistados pela Espanha já haviam deixado de ser colônias. As colônias, e mesmo os países independentes do domínio colonial espanhol, ainda nutriam-se da circulação de ideias vindas da Europa, o que não impossibilitou que o meio intelectual latino-americano transformasse e realizasse – a partir de raízes do pensamento de nuestra América – novas ideias que circulam e fomentam debates com a potência de seus pensadores e intelectuais.

No presente trabalho apresento uma faceta do intelectual revolucionário José Martí (1853 – 1895) como correspondente de periódicos hispano-americanos no período entre 1881 a 1891 enquanto vive parte do exílio político na cidade de Nova York, Estados Unidos.

Em contraste com a maioria dos processos de independência na América Latina, as ilhas de Cuba e Porto Rico, como dito anteriormente, ainda formam parte durante o século XIX das possessões espanholas no continente. Cuba passou a ocupar durante o XIX uma posição estratégica não só para a Espanha, mas também para os Estados Unidos, colônia inglesa que havia alcançado sua independência durante o processo emancipatório entre 1775 e 1783.

Durante o século XIX são variados os episódios relacionados a movimentos em busca de um novo panorama político e cultural para Cuba passando por ideias como autonomismo, anexionismo e independência, tendo as ideias independentistas, e seus impulsionadores, sido combatidos pelo poder colonial espanhol.

Mesmo que a independência de Cuba tenha se dado anos depois da maioria dos países latino-americanos os intelectuais que estavam ao lado das ideias independentistas tiveram relevante participação na construção de um pensamento social latino-americano. No âmbito das lutas por libertação é importante considerar a potência de tal matriz para a circulação das ideias. A raiz do pensamento social de nuestra América é formada e alimentada largamente por intelectuais envolvidos nos processos emancipatórios e na elaboração de um pensamento de justiça social, tendo inclusive essas ideias adquirido sentido de sementeira, uma vez que a partir de sua circulação se desenvolvem novas faces do pensamento e ação revolucionária.



Para Roberto Fernández Retamar a existência de um pensamento social em nuestra América, mesmo que de maneira pouco estruturada, é perceptível de forma clara principalmente a partir dos processos emancipatórios. É a partir das contendas pela independência que Retamar apresenta incluso, em terminologia que ele mesmo caracteriza como mais moderna, a existência da ala de esquerda no pensamento emancipatório.

Entre essa ala de esquerda que desejava, além da emancipação, a justiça social estão colocados os revolucionários haitianos – tendo Toussaint L'Ouverture (1743-1803) como uma das figuras centrais na insurreição de escravos negros; o mexicano Miguel Hidalgo y Costilla (1753-1811) – iniciador da luta independentista no México; o também mexicano José Maria Morelos (1765-1815) que assumiu a liderança do movimento independentista após a morte de Hidalgo; Simón Bolívar (1783-1830), líder das experiências independentistas da Venezuela, Colômbia, Equador, Peru e Bolívia; Símon Rodríguez (1771-1854), professor e escritor venezuelano detentor de ideias reformadoras tendo sido mestre de Simón Bolívar; Francisco Bilbao (1823-1865), destacado escritor e político chileno que criticou duramente os regimes autoritários, a Igreja e o clero; o político mexicano Benito Juárez e o intelectual cubano José Martí.

Aunque insuficientemente estructurado, un pensamiento social fue barruntado en nuestra América desde los primeros momentos, y de manera muy clara desde la emancipación. Entre los que podríamos llamar, en una terminología más moderna, integrantes del ala izquierda del pensamiento de la emancipación, hubo no sólo una voluntad política de secesión sino un deseo de justicia social que encontró continuación. Se vio entre los revolucionarios haitianos, en Hidalgo y en Morelos, en lo mejor de Bolívar, en Símon Rodríguez, en Bilbao, en Juárez y desde luego en Martí, a quien considero el primer pensador moderno de nuestra América (Retamar, 2006: 58-59).

A formação do pensamento social de nuestra América teve grande impulso com a circulação de ideias que pautavam principalmente os ideais de independência e da luta abolicionista. A força das ideias pode provocar centelhas que iluminaram durante todo o século XIX a crença de intelectuais comprometidos com as urgências do seu próprio tempo.

O intelectual cubano José Martí, a quem Roberto Fernández Retamar se refere como o primeiro pensador moderno de nuestra América, nasce na cidade de Havana no ano de 1853, numa terra sob o jugo da opressão colonial. Fazer parte das duas últimas possessões hispânicas no continente parecia tornar o caráter opressor do colonialismo ainda mais cruel e que, por hora, havia concentrado seu empenho em ser metrópole e



continuar arrastando as mazelas de um sistema colonial por longos anos.

Alguns territórios do “Novo Mundo” já haviam conquistado sua independência como é o exemplo do Haiti que havia sido colônia francesa, então chamado de “Saint Domingue”, e após tornar-se livre em 1804 foi renomeado de Haiti, seu nome indígena. A independência do Haiti que teve início como uma grande insurreição de escravos negros parece ter funcionado como sinal de alerta para os opressores coloniais de que seu poder autoritário corria perigo e como centelha de esperança para os povos oprimidos pela metrópole.

Em Cuba o povo oprimido pelo poder colonial foram inicialmente os povos originários – que passaram por um processo de extermínio –, os escravos africanos trazidos à ilha – mão de obra predominante nos latifúndios e engenhos produtores de açúcar –, e logo a população crioula¹ – principalmente a população pobre já que havia uma elite crioula que desfrutava de privilégios por sua condição social – que como habitantes da colônia deveriam sujeitar-se a obediência e submissão ante as regras ditadas pela metrópole.

É diante do cenário de opressão colonial que, no ano de 1853, José Martí nasce cubano, destino que levaria na alma durante toda sua trajetória. A tradição perpetuada pelo governo colonial espanhol, como chama atenção Cintio Vitier, são os hábitos despóticos, o uso da força, o abuso e a arbitrariedade contra todos que não compartilhassem com as ideias e ordens do poder colonial.

Cuando Martí nace a la luz del Nuevo Mundo el 28 de enero de 1853, en el aposento alto de una humilde casita cercana a las murallas habaneras, Cuba era desde hacía mas de tres siglos, en la cruda facticidad de la historia, una posesión del imperio español, sujeta a los hábitos despóticos que se imponen en toda tierra ocupada por conquista. La única tradición de gobierno era la fuerza, la arbitrariedad y el abuso, ejercidos primero sobre los indígenas hasta exterminarlos, después sobre los esclavos africanos en cruenta explotación, finalmente sobre la población crioula, mestiza o no, que en sus diversas capas iba formando el humus social de una nueva nacionalidad (Vitier, 2006).

É através das letras e da educação que o jovem Martí estreita seus laços com os ideais independentistas, principalmente através do contato com poetas como Rafael María de Mendive (1821-1886), que se tornaria seu mestre e amigo. O jovem passa a ser um assíduo frequentador da casa da família Mendive tendo o professor aberto, a partir de sua biblioteca pessoal, uma larga possibilidade no mundo dos livros e da leitura para o jovem discípulo.



Em dez de outubro de 1868 irrompe em Cuba uma contenda pela independência da ilha, conhecida por Revolução de Yara, que se estende por dez anos em sua primeira etapa. Martí tem então quinze anos e, apesar de filho de espanhóis, coloca-se ao lado da independência de Cuba. A partir da Revolução de Yara, inicia-se com maior ímpeto a dimensão pública da vida de Martí, que começa a publicar escritos e ajuda a editar publicações como o periódico manuscrito *El Siboney*, que circula clandestinamente entre os estudantes, e ainda os periódicos *El Diablo Cojuelo* (1869) e *La Patria Libre* (1869).

Ainda em 1869 é preso acusado pelo poder colonial de inconfidência, sendo julgado e condenado a seis anos de prisão. Em quatro de abril de 1870 é obrigado a cumprir sua pena em regime de trabalho forçado na pedreira de San Lázaro sendo posteriormente sua pena comutada pelo desterro. Martí é deportado no ano de 1871 para Espanha onde inicia um longo e amargo período de exílio.

Da Espanha parte para o México. Na pátria de Juárezⁱⁱ começa a envolver-se mais profundamente com o periodismo tendo a amizade cultivada com o licenciado Manuel Mercado aberto as portas para os círculos intelectuais mexicanos, sendo também o amigo quem abre as portas do periodismo para Martí conseguindo inicialmente trabalho para o jovem cubano na *Revista Universal*.

No ano em que Martí inicia a sua colaboração a *Revista Universal de Política, Literatura y Comercio* circulava diariamente, exceto as segundas-feiras, sendo seu redator e proprietário José Vicente Villada. Martí colaborou na *Revista Universal* com poemas, artigos, boletins, publicou sua tradução de *Mes fils* de Victor Hugo, e comentou sobre a política mexicana sobre o pseudônimo de Orestes. São também desse período o crescimento das traduções realizadas por Martí.

Nos anos em que vive no país (1875 - 1876), Martí conhece profundamente a causa indígena e aproxima-se também dos círculos operários. Em dezesseis de setembro de 1872 foi fundado o Gran Círculo de Obreros de México, impulsionado pelos acordos de setembro de 1871 da Internacional Socialista. Uma das principais figuras desse círculo foi o trabalhador gráfico Juan de Mata Rivera (1838-1893) que, juntamente com Francisco de P. González (1844 - ?), fundou o periódico *El Socialista* no qual José Martí colaborou. O periódico, existente desde 1871, funcionou como órgão do Círculo e esteve sob a direção de Juan de Mata Riveira até 1888.



Martí desenvolve uma intensa apropriação e conhecimento da vida política mexicana o que abre espaço para que escreva e faça intervenções na imprensa sobre assuntos da política local. Colabora no México principalmente com a *Revista Universal*, mas colabora também em menor medida com periódicos como *El Federalista* e *El Socialista*.

Aos vinte e dois anos desenvolve também no México uma relação mais direta com a crítica literária quando colabora na *Revista Universal* na qual realiza um grande número de artigos de crítica ligado as artes em geral. Como tema de um dos primeiros artigos de crítica o jovem periodista escreve sobre os dramas de Echegarayⁱⁱⁱ no qual “al enjuiciar *El libro talonario* y *La esposa del vengador*, experimentó la pugna entre el entusiasmo por las aspiraciones y posibilidades creadoras latentes en esos dramas y la lucidez acerca de sus quiebras y defectos” (Vítier, 2006).

Entre os anos de 1875 e 1881 vive exilado entre o México, Guatemala, Estados Unidos e Venezuela com breves passagens em Honduras, Cuba, Espanha e França. A partir do ano de 1881 passa a viver na cidade de Nova York, Estados Unidos, realizando pequenas viagens por conta da atividade revolucionária na organização da guerra de independência de Cuba. José Martí só regressaria a Cuba em 1895, aos quarenta e dois anos, para lutar na guerra de independência onde tomba em combate.

Nova York

Durante o século XIX a cidade de Nova York torna-se morada para vários migrantes, incluso de Cuba, dando origem a uma comunidade cubana na cidade. Entre os cubanos que viveram em Nova York – tendo muitos deles motivações políticas – encontram-se figuras destacadas do âmbito intelectual cubano do século XIX como Félix Varela^{iv}, José Antonio Saco^v e Rafael María de Mendive^{vi}.

Os anos de exílio para os intelectuais cubanos que vivem em Nova York é um período de intensa atividade política e ativa vida social entre os migrantes. Eram ocupações comuns para os intelectuais no exílio atividades como as de tradutor, colaborador em periódicos e revistas, editor, mestre de literatura e língua espanhola, músico, jornalista, entre outras. Enquanto esteve exilado em Nova York, José Martí exerceu atividades como as de tradutor, jornalista e professor.



Cuando el aún joven José Martí (27 años) desembarca en New York, en enero de 1880, para iniciar la etapa más importante de su vida, llegaba a la ciudad de este continente que más vínculos había tenido con la realidad económica, política y cultural de Cuba durante aquella centuria. Como parte de esos vínculos, lo más lúcido de la intelligentsia cubana decimónica había radicado en New York por cortos o largos períodos, mayormente empujados hacia ella por la represión colonial española. Pero estos hombres no sólo llevaron a cabo una labor política en el exilio, sino que crearon aquí una parte importante de sua obra intelectual, a la par que realizaron tareas afines, como las de traductores, editores, directores de periódicos y revistas culturales, profesores de lengua y literatura española, músicos, directores de conservatorios, promotores de asociaciones culturales y benéficas, periodistas, etcétera. Su actuación no sólo enriqueció el acervo cultural de la Isla, sino que también se proyectó en la cultura pública de New York (Mesa, 2002, p.11).

Os anos que José Martí reside em Nova York representam um período de intensa atividade jornalística, tendo Martí tornado-se naquela época um escritor largamente lido e admirado no Continente. É correspondente de vários jornais de repúblicas americanas como *La Nación*, de Buenos Aires, *El Partido Liberal*, do México, *La Opinión Nacional*, de Caracas, *La Opinión Pública*, de Montevideú e *La República*, de Honduras.

Martí como intelectual de seu tempo foi poeta, escritor, orador, tradutor e professor, mas se houvesse que apontar somente um ofício entre as muitas atividades exercidas pelo cubano esse seria o periodismo pela vasta e intensa produção que deixou durante os seus curtos, porém intensos, quarenta e dois anos de vida. A pesquisadora cubana Marlene Vázquez Pérez nos chama atenção sob a dimensão que o trabalho jornalístico toma na vida de Martí e acerca do intenso valor que o periodismo ganha em sua obra.

Si hubiese que determinar una sola profesión, entre las muchas que desempeñó Martí, sin perder de vista la singular coherencia y diversidad de una personalidad tan multifacética y a la vez tan sólida, diríamos sin vacilar: periodista. Esta elección no es casual, obedece a um hecho irrefutable: aunque haya cultivado la poesía, la novela, el teatro, la literatura para niños, la traducción literaria, el magisterio, la oratoria – todo ello de modo simultáneo a su quehacer político, que le absorbía la mayor parte del tiempo –, el ejercicio periodístico lo embargaba cotidianamente, y desde las páginas de la prensa creó un nuevo modo de decir y renovó desde los cimientos la lengua española y la literatura en el continente (Pérez, 2010:07).

Do período em que vive nos Estados Unidos a cidade de Nova York torna-se um grande laboratório social para José Martí que faz de suas experiências e apreensões ricas crônicas que são publicadas em periódicos latino-americanos como *La Opinión Nacional*



(Venezuela), *La Nación* (Buenos Aires) e *El Partido Liberal* (México). São os fatos acontecidos na cidade e seus habitantes os protagonistas das primeiras Cenas Norteamericanas escritas pelo intelectual cubano.

Ao longo dos anos que reside nos Estados Unidos Martí abre para os leitores hispano-americanos uma série de fatos e acontecimentos que permitem que os leitores possam conhecer, a partir da vida cotidiana e política da cidade de Nova York, o espírito do país. Nas cartas de Nova York o intelectual revolucionário escreve sobre temas como a educação e participação política das mulheres, a crescente imigração, a situação dos trabalhadores fabris, os costumes da cidade, além de vários temas ligados a literatura, poesia, ciência e cultura em um âmbito geral.

Em correspondência publicada em 15 de julho de 1882 no periódico *La Nación* de Buenos Aires Martí escreve acerca dos conflitos sociais existentes na cidade como greves e a luta diária dos trabalhadores por sobrevivência. São as desigualdades entre capitalistas e trabalhadores em Nova York que Martí retrata aos leitores de *La Nación*: para os capitalistas alguns centavos representam apenas uma cifra na balança, no entanto, para os trabalhadores que vivem uma existência de centavos, um aumento no custo dos produtos significa a privação imediata de artigos essenciais para a sobrevivência.

Estamos en plena lucha de capitalistas y obreros. Para los primeros son el crédito en los bancos, las esperas de los acreedores, los plazos de los vendedores, las cuentas de fin de año. Para el obrero es la cuenta diaria, la necesidad urgente e inaplazable, la mujer y el hijo que comen por la tarde lo que el pobre trabajó para ellos por la mañana. Y el capitalista holgado constriñe ao pobre obrero a trabajar a precio ruin.

Los que viven suntuosamente, merced a colosales especulaciones, azuzan al congreso, a fin de mantener siempre repletas las arcas del Tesoro, a no mermar las contribuciones exorbitantes que aflingen los frutos y tráficos en toda la Nación. De este exceso de contribuciones, a poco que las cosechas mermen, o que algún producto escasee, viene exceso de precios. Para el capitalista, unos cuantos céntimos en libra en las cosas de comer, son apenas una cifra en la balanza anual. Para el obrero, esos centavos acarrear, en su existencia de centavos, la privación inmediata de artículos elementales e imprescindibles. El obrero pide salario que le dé modo de vestir y comer. El capitalista se lo niega (Martí, 2010: 17-18).

Como correspondente Martí busca proporcionar aos leitores hispano-americanos reflexões sobre a vida cotidiana do vizinho do Norte. A cada correspondência dá a conhecer uma série de acontecimentos da vida em Nova York e apresenta o povo estadunidense entre seus hábitos e complexidades. Em correspondência publicada em 07



de junho de 1884, em *La Nación*, Martí realiza um juízo crítico acerca da cidade de Nova York e suas crianças que, quando assoladas pela pobreza, estão sujeitas a uma série de situações deploráveis. O correspondente chama atenção também para a forma equivocada como a educação tem sido realizada nas escolas uma vez que, a educação tem distanciado as crianças do mundo dos livros e da cultura ao invés de aguçar o envolvimento e paixão com tais interesses.

Los niños que em Nueva York gustan más de pelotas y pistolas que de libros, porque en las escuelas las maestras que no ven en la enseñanza su carrera definitiva, no les enseñan de modo que el estudio los ocupe y enamore, – y de las casas, los padres acostumbran feamente empujarlos, como para que no les enojen con sus travesuras y enredos, a las calles; – los niños, ¡válganos Dios!, o se detienen en las esquinas, lo que no es del todo mal, a trocar coqueterías con damiselillas pizpiretas de diez o doce años que con mirada y aire de mujer van solas; o se entran a la callada, a escondidas de la policía, en un patio a jugar a la pelota, o salen de las cigarrerías, que por esta maldad debieran ser tapiadas con el cigarrero a dentro, ostentando en los labios sin bozo, encendidos pitillos. Y si se va por los barrios pobres, es usual ver como en las barbas del gendarme, que suele ir muy seguro sobre sus pies, unos chicuelos descalzos empinan por turno una botella de cerveza, y hacen burla a un Rinconete de diez años, que pasa ebrio y tambaleando, mal sujeto del brazo por un Cortadillo balbuciente. ¡Válganos Dios, decimos! ¿No estarían mejor los fieles de las iglesias levantando estas almas, y calzando a estos desnudos, y apartando estas botellas de los labios, que oyendo comentarios sobre la bestia del Apocalipsis, y regocijándose en los picotazos que se dan los pastores de los templos rivales del distrito? ¿Quieren levantar templos? Que hagan casas para los pobres. ¿Salvar almas quieren? Pues bájense a este infierno, no con limosnas que envilecen, sino con las artes del ejemplo, puesto que la naturaleza humana, esencialmente buena, apenas ve junto a sí modelo noble, se levanta hasta él (Martí, 1991: 60).

É também do período em que vive em Nova York que Martí escreve para os meninos e meninas de nuestra América. Ao contrário da maioria dos escritos destinados ao público infantil do século XIX, Martí enxerga os meninos e meninas como sujeitos e por isso propõe uma escrita literária de forte cunho pedagógico trazendo princípios éticos e valores utópicos que iriam refletir na formação das crianças de nuestra América.

No ano de 1889, Martí edita a Revista *La Edad de Oro*, sua obra mais importante destinada às crianças. A Revista escrita inteiramente por José Martí é publicada entre os meses de julho e outubro chegando a um total de quatro edições. Cada edição é formada por 32 páginas combinando gêneros literários de distinta matriz: narrativas históricas, narrativas relacionadas à fatos da atualidade, fábulas, contos e poesias, cujos conteúdos veiculam ensinamentos das ciências, artes, história e literatura.



Elementos presentes na trajetória de José Martí como a luta anti-colonial, a emancipação de Cuba e o ideal de independência e unificação dos povos de *nuestra América* são ideias vivas no conteúdo da Revista. A narrativa que inaugura o primeiro número de *La Edad de Oro* leva o título de “Três Heróis”. Os heróis da história, Símon Bolívar^{vii}, Hidalgo^{viii} e San Martín^{ix}, aqui considerados heróis e mártires da luta pela independência em terras de *nuestra América*. A narrativa tem início com um viajante que chega na cidade de Caracas (Venezuela) e tem como primeira atitude procurar a estátua de Bolívar:

Contam que um dia um viajante chegou a Caracas ao anoitecer, e sem sacudir a poeira do caminho, não perguntou onde se comia, nem onde se dormia, mas como poderia chegar à estátua de Bolívar. E contam que o viajante, sozinho com as árvores altas e cheirosas da praça, chorava diante da estátua, que parecia mover-se, como um pai quando seu filho se aproxima. O viajante fez bem, porque todos os americanos devem amar Bolívar como a um pai. Amar Bolívar, e a todos os que lutaram como ele para que a América fosse do homem americano. Todos: o herói famoso, e o último soldado, que é um herói desconhecido. Até mais belos ficam aqueles que lutam para ver sua pátria livre (Martí, 2006: 20).

Martí desenvolve um conceito contrário ao costumeiro herói dos contos infantis que usualmente são belos príncipes lutando para salvar belas moças. Em sua narrativa, o herói é identificado pelo caráter e valor de homem que luta pela liberdade de sua pátria e com o povo. Martí trabalha com a perspectiva pedagógica exemplar mostrando às crianças o homem das repúblicas americanas, a quem deveriam admirar e reconhecer como heróis.

“O nosso sonho é que os povos da América Latina se entusiasmem e se unam”

A partir da vivência nos Estados Unidos que o intelectual consegue amadurecer seu pensamento e compreender os perigos imperialistas que o “vizinho do Norte” oferece para Cuba e para toda a América. Dos anos passados nos EUA e da vivência em vários países do Continente, decorre seu juízo maduro sobre o imperialismo que chega do norte da América e sua elaboração sobre *nuestra América*. De uma admiração ao aparente



ideal de liberdade vigente no país – Martí amava a pátria idealizada por Lincoln –, o intelectual não tarda a perceber os possíveis perigos e elabora seu juízo crítico em direção ao imperialismo estadunidense.

Em correspondência para *La República*, publicada em 12 de agosto de 1886, o intelectual escreve em tom de alerta sobre os perigos de uma guerra entre México e Estados Unidos. Em fragmento da correspondência publicada é possível observar que Martí, a partir da escrita em periódicos, trabalha a noção de unidade continental através de um ideal de pátria grande que, para José Martí, é nuestra América. Em qualquer canto que nuestra América estivesse ameaçada pela cobiça e pelos desejos de conquista, não era só um território e seu povo que sofria: era o coração de todos os povos de nuestra América que pulsavam unidos.

Pero con ser todo esto tan vario e interesante, nada, ni la muerte siquiera de aquel ilustre Tilden que prefirió perder la Presidencia de la República, a que fue electo, antes de permitir a su partido que la conquistase con sangre, – nos interesa tanto a los otros de la otra América, como el grave riesgo de una guerra entre México y los Estados Unidos. Es nuestra raza mal entendida la que esta en peligro. Es la caterva de cuatros y matones ambiciosos de la frontera americana la que quiere forjar un pretexto para echarse sobre el Estado minero de Chihuahua, que excita su codicia. Es nuestro corazón americano, que allí duele. Nuestra patria es una, empieza en el Río Grande y va a parar en los montes fangosos de la Patagonia. México haría mal, si, contra todo lo que se ve, diese oídos a los perturbadores opulentos que en estos mismos instantes andan buscando su apoyo para influir en la política de Centroamérica (Martí, 1991: 48).

A vivência em outros países hispano-americanos, como já citado anteriormente, contribuiu decisivamente para alargar sua experiência cosmopolita como alimento e força do seu impulso ao pensamento continental, articulado à sua reflexão original sobre o conceito de Pátria. A Pátria martiana ultrapassa as fronteiras geográficas e cresce com o sonho de uma unidade continental entre os povos forjada em sentimento e na formação de uma espécie de alma continental:

O verdadeiro cimento de uma unidade e de uma identidade estaria, no discurso de Martí, num plano que se aproxima mais do histórico, cultural e, mesmo, espiritualista. Falava constantemente em uma alma continental, um espírito novo, americano, que habitara em uma nova América. Na ótica martiana, o que caracterizava e definia a Nossa América seria, assim, a sua unidade de valores, propósitos e interesses, construída ao longo de sua história comum (Carvalho, 2001:57).



Essa idéia de unidade continental é debatida constantemente por Martí em seus textos onde desenvolve um verdadeiro projeto de unidade americana. A expressão “*Nuestra América*” cunhada por Martí e que deu título ao artigo publicado no periódico mexicano *El Partido Liberal* a 30 de janeiro de 1891, é a nomeação desse projeto de união dos povos do continente. O sentimento continental que Martí se propõe a defender e despertar em *nuestra América* parte de uma sensível percepção que a luta pela independência cubana ou que a luta contra qualquer regime opressor nas repúblicas do Sul estão historicamente ligadas.

O tema recorrente da unidade continental pode levar erroneamente a idéia de que Martí acreditava na unidade a qualquer custo e que desejasse a homogeneização do continente. A visão martiana de unidade encontra-se em caminho oposto ao objetivo único de alianças políticas estatais. Martí sabia que despertar as repúblicas da América que viveram tanto tempo em relação direta com as metrópoles, durante o período colonial, não seria tarefa fácil uma vez que as marcas legadas são profundas cicatrizes no tecido social e na história. Em compasso com a análise de fundo das conjunturas políticas do período, José Martí defende seu conceito de unidade, tese central na formulação de *Nuestra América*, como se vê na apreciação de Eugênio Rezende de Carvalho:

Martí vislumbrava, assim, uma “unidade de espírito” que pudesse cimentar e se colocar por cima dos inevitáveis elementos de desigualdade e discórdia. O sonho martiano de recomposição dessa realidade fragmentada não se pautava, no entanto, num projeto de unidade que pudesse ocultar as diferenças — as quais, segundo Martí, eram úteis à liberdade e tornavam impossível uma unidade de formas (2001: 39).

A elaboração de seu pensamento e os temas de sua reflexão são recolhidos diretamente na observação das realidades locais e de seu esforço de participação política, uma forma concreta, segundo José Martí, de contribuir para o sentimento de unidade continental.

‘Quando escreve “*Nuestra América*” em 1891, Martí já dispõe de uma visão amadurecida sobre os Estados Unidos, a quem chama de “gigante das sete léguas”, e da necessidade vital da união entre os povos de *nuestra América*. São trincheiras de ideias, que Martí se dedica a construir através de sua pluma, as mais valorosas armas para os povos de *nuestra América*.

Lo que quede de aldea en América ha de despertar. Estos tiempos no son para acostarse con el pañuelo a la cabeza, sino con las armas de almohada, como los varones de Juan de Castellanos: las armas del juicio,



que vencen a las otras. Trincheras de ideas valen más que trincheras de piedra. No hay proa que taje una nube de ideas. Una idea enérgica, flameada a tiempo ante el mundo para, como la bandera mística del juicio final, a un escuadrón de acorazados. Los pueblos que nos se conocen han de darse prisa para conocerse, como quienes van pelear juntos. Los que se enseñan los puños, como hermanos celosos, que quieren los dos la tierra, o el de casa chica, que le tiene envidia al de casa mejor, han de encajar, de modo que sean una, las dos manos (Martí, 1991: 16).

Martí consegue perceber de modo pioneiro, em relação aos contemporâneos, a gravidade político-econômica da expansão imperialista estadunidense. Martí avaliava os interesses estadunidenses na direção das Antilhas e temia que a dominação colonial fosse apenas substituída pela dominação imperialista. Sua afirmação anti-colonialista é aqui ressaltada:

A luta de Martí contra a Espanha, e não contra o povo espanhol, era uma luta contra a instituição do colonialismo. Sem dúvida, não alimentava um sentimento de hispanofobia, que, aliás, era incentivado exatamente por setores da sociedade estadunidense, ferreamente combatidos por Martí. Tais setores eram representados por aqueles que engrossavam campanhas pela anexação da ilha de Cuba, por parte dos Estados Unidos (Carvalho, 2001: 63).

Para Martí, a construção de “*nuestra América*” seria o fortalecimento do continente no enfrentamento concreto das políticas do vizinho do Norte. O processo de identidade latino-americana e do espírito continental autóctone tornava-se necessário à construção de uma nova cultura capaz de deter o avanço a passos largos das políticas imperialistas. A unidade latino-americana passara a ser uma necessidade histórica para que as repúblicas do Sul pudessem subsistir e se desenvolver como uma identidade sociocultural independente. O projeto de unidade de Martí se tornava mais sensível e criava mais força a cada vez que o revolucionário cubano reafirmava a sua tarefa em relação ao futuro do povo americano.

Martí tinha consciência da tarefa que deveria cumprir no seio da “*nuestra América*” e a encarava com humildade como mais um filho lutador da Mãe América. Em uma carta de 1881 ao diretor do periódico *La Opinión Nacional*, de Caracas, o próprio Martí escreveu: “Para servir modestamente aos homens me preparo; para andar, com o livro no ombro, pelos caminhos da vida nova; para auxiliar, como humilde soldado, todo brioso e honrado propósito; e para morrer pela mão da liberdade, pobre e orgulhosamente” (Martí apud Rodríguez, 2006: 49).

As ameaças do imperialismo que antes pareciam claras para alguns poucos vieram à tona durante a Primeira Conferência das Nações Americanas, em Washington entre



outubro de 1889 e abril de 1890, convocada pelos Estados Unidos. Martí adverte os países hispano-americanos dos interesses subjacentes à convocação, sendo sua crítica mais ferrenha publicada no jornal *La Nación* da Argentina. Sobre a Conferência Monetária Internacional Americana (1891), cuja principal proposta é uma moeda comum, Martí adverte:

Que lição podemos tirar, para a América, da Comissão Monetária Internacional, que os Estados Unidos convocam com o acordo do Congresso, em 1888, para tratar da adoção de uma moeda comum de prata, e daquela em que os Estados Unidos dizem, em 1891, que a moeda comum de prata é um sonho fascinante? Não é a forma das coisas que nos devemos ater, e sim a seu espírito. O real é o que importa, não o aparente. Na política, o real é o que não se vê. [...] A todo convite entre povos é preciso procurar as razões ocultas. Nenhum povo faz nada contra seu interesse; de onde se deduz que aquilo que um povo faz é de seu interesse (Martí apud Retamar, 1983: 202-203).

Neste breve artigo o intuito foi realizar pequenas reflexões acerca do intelectual revolucionário José Martí e alguns de seus artigos como correspondente de periódicos hispano-americanos durante o período que vive na cidade de Nova York (EUA). A correspondência martiana para periódicos – suporte em que publica a maior parte de sua obra – são elementos fundamentais da trajetória de José Martí, trazendo lampejos fundamentais acerca de suas ideias sobre unidade continental e do período em que vive a cidade de Nova York como um grande laboratório a céu aberto. Elementos encontrados a partir da escrita martiana para periódicos são relevantes para pensar a trajetória intelectual de José Martí que não se olvidou de pensar simultaneamente em palavra e ação.

ⁱ População, mestiça ou não, nascida na América. Vale ressaltar que essa população crioula não é homogênea, uma vez que os criollos também estão divididos em classes sociais existindo uma elite crioula privilegiada e a população crioula pobre.

ⁱⁱ Benito Juárez (1806 – 1872), político mexicano de origem indígena.

ⁱⁱⁱ José Echegaray y Eizaguirre (1833-1916), dramaturgo, político, economista e matemático espanhol. A partir do estabelecimento da república espanhola se radicou na França onde deu início a carreira de autor dramático com *El libro talonario*, comédia encenada com êxito em Madrid em 1874. Echegaray compôs mais de setenta obras teatrais como, por exemplo: *La esposa del vengador* (1875), *O locura o santidad* (1877), *En el seno de la muerte* (1879), *El gran Galeoto* (1881), *Mancha que limpia* (1895) e *El loco Dios* (1900). Em 1905 recebeu o Prêmio Nobel de Literatura juntamente com Frédéric Mistral.

^{iv} Félix Varela Morales (1788 – 1853). Sacerdote, intelectual, educador, filósofo político e revolucionário cubano que pautou a abolição da escravidão e a independência cubana. A sua entrada na vida política se deu a partir do novo movimento constitucional de 1820 na Espanha que abriu as portas para a Cátedra de Constituição em Cuba, tendo essa sido ocupada por Félix Varela. Em 1821 foi eleito como membro da Corte Constitucional, viajou para a Espanha onde apresentou três projetos que não foram aprovados. Varela fazia parte do setor mais radical da Corte Constitucional – apresentando projetos como a autonomia de Cuba, Porto Rico e Filipinas – motivo pelo qual teve que fugir indo para localidades como Marrocos, Gibraltar e Estados Unidos.

^v José Antonio Saco (1797 – 1879). Poeta, partidário da abolição da escravidão e da autonomia de Cuba. Por conta do envolvimento na defesa da Academia Cubana de Literatura foi deportado em 1834. Passou pela Grã-Bretanha, França e depois Madrid onde formou parte do Club de los Habaneros. Escreveu sobre os problemas que afetavam Cuba, no entanto, a censura não permitiu que tais escritos fossem publicados. Em estada nos EUA, o Ateneo Democrático Cubano, de Nova York, concede a José Antonio Saco o título de sócio honorário. Regressa a Cuba em 1860. Escreveu obras como *Paralelo entre la isla de Cuba y algunas colonias inglesas* (1837), na qual desenvolveu sua concepção de nacionalidade cubana; e *Historia de la esclavitud desde los tiempos más remotos hasta nuestros días*, obra publicada em três tomos sendo o primeiro e o segundo publicados em 1875 e o terceiro em 1877.

^{vi} Rafael María de Mendive (1821-1866). Poeta e mestre, Mendive foi um intelectual dedicado aos ideais independentistas cubanos. Em 1864 Mendive é nomeado em Havana diretor da Escuela de Instrucción Primaria Superior Municipal de Varones, onde conhece o jovem estudante José Martí, e posteriormente funda o Colégio de San Pablo do qual Martí também se tornaria aluno. Por conta de seus ideais independentistas foi detido e condenado ao desterro no ano de 1869. Ao regressar para Cuba funda a *Revista de La Habana* (1853 – 1857) que além da publicação periódica realiza edições de livros. Entre 1854 e 1865 Rafael María de Mendive colabora em diversas publicações como são exemplo *Guirnalda Cubana* (1854), *La Piragua* (1856), *Revista Habanera* (1861-1862), *Álbum de lo Bueno y lo Bello* (1860) e *Aguinaldo Habanero* (1865).

^{vii} Simón Bolívar (1783 – 1830) é considerado o libertador da América, tendo comandado as lutas independentistas da Venezuela, Colômbia, Equador, Peru e Bolívia.

^{viii} Miguel Hidalgo y Costilla (1753 – 1811) é tido como o precursor da independência do México.

^{ix} José de San Martín (1778 – 1850) liderou os movimentos de independência na Argentina e Chile.



Referências Bibliográficas

Carpentier, Alejo. Literatura e Consciência Política na América Latina. São Paulo: Global Editora.

Carvalho, Eugênio Rezende de. Nossa América – A utopia de um novo mundo. São Paulo: Anita Garibaldi, 2001.

Martí, José. Obras Completas Digitais. La Habana: Centro de Estudios Martianos, 2001.

Martí, José. A Idade de Ouro. Fortaleza: Forgráfica, 2006.

Martí, José. Obras Completas Edición Crítica, t. 17. La Habana: Centro de Estudios Martianos, 2010.

Martín, Jesús A. Martínez (dir.). Historia de la edición en España 1836 1936. Madrid, 2001.

Mesa, Enrique López Mesa. La comunidad cubana de New York: Siglo XIX. La Habana: Centro de Estudios Martianos, 2002.

Pérez, Marlene Vázquez. La Vigilia Perpetua. Martí en Nueva York. La Habana: Centro de Estudios Martianos, 2010.

Retamar, Roberto Fernández. Pensamiento de nuestra América – Autorreflexiones y propuestas. Buenos Aires: Clacso, 2006.

Rodríguez, Pedro Pablo. Martí e as Duas Américas. São Paulo: Expressão Popular, 2006.

Santos, Maria Angélica Guidolin dos. José Martí: Um Olhar Cosmopolita em La Edad de Oro. 2004. Dissertação (Mestrado em Literatura) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

Vítier, Cintio. Vida y obra del Apóstol José Martí. La Habana: Centro de Estudios Martianos, 2006

Williams, Raymond. Projeto História: revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo n. 35. São Paulo: EDUC, 2007.